

APPROVED
IMPORTANT
POSTAGE

BUGIGANGA



A +
Nari
guda



SINOPSE

Duas andarilhas percorrem o mundo na sua casa sobre rodas numa narrativa sobre a errância, a amizade e o viver cada dia como se fosse o último.

Valorizando o estar juntas e o riso como força humana, as duas palhaças habitam um mundo caótico afetado pela precariedade e por uma constante turbulência de problemas.

Bugiganga fala sobre um planeta em permanente mudança que, no seu ritmo frenético, coloca o ser-humano no limbo da luta pela sobrevivência.

"BUGIGANGA"
Nome feminino

1. Objeto de pouco valor;
coisa inútil
2. Quinquilharia;
bagatela



SOBRE O PROJETO

BUGIGANGA nasce do cruzamento entre as linguagens do teatro físico com as artes de rua e o novo circo.

O espetáculo desenvolve-se em torno de um objeto cénico principal, uma cenografia ambulante, onde as duas personagens centrais carregam quinquilharias e objetos que vão recolhendo pelo caminho, com os quais criam pontes entre os lugares e as pessoas que visitam.

A dramaturgia do espetáculo é assente numa base de jogo com o público e com o espaço onde este se apresenta. A improvisação que permeia o jogo e a participação dos espectadores fazem com que cada apresentação seja única e divertidamente.... imprevisível!



UMA CENOGRAFIA DE BUGIGANGAS

Um dos elementos criadores centrais de BUGIGANGA é sem dúvida a sua cenografia. Um cenário sobre rodas que oferece múltiplas possibilidades de jogo, nomeadamente a criação de “acidentes” cómicos (uma parede que cai, uma porta que se desmonta....), por um lado potencializando a dimensão cómica da obra, por outro aportando simbolismo aos elementos expressivos na dramaturgia que nos falam sobre a fragilidade da condição humana.

Este cenário foi construído em cima de uma estrutura cujo modelo é o comumente utilizado por vendedores de rua ambulantes e feirantes, criando um elemento importante de ligação com a cultura popular. A este objeto central foram acoplados vários elementos cenográficos dos quais se retiram o máximo de possibilidades dramáticas.

Os mesmos foram elaborados durante o processo de criação com o cenógrafo Hugo Ribeiro (companhia Boca de Cão) e estudados cuidadosamente para que estes elementos permitam servir a peça da melhor forma.

Nesta visão cenográfica foram igualmente desenvolvidos figurinos, originais propostos por Ana Abelha, permitindo a estilização e a utilização do figurino enquanto elemento expressivo da obra.





IMPLEMENTAÇÃO

BUGIGANGA nasce da vontade de resgatar narrativas e elementos de culturas minoritárias. BUGIGANGA na sua fase de inicial de criação contemplou a realização de algumas iniciativas junto de comunidades, residentes nas periferias em Torres Vedras, Setúbal e Lisboa, no sentido de desenvolver uma abordagem de envolvimento das mesmas na criação dramaturgica do espetáculo.

Esta abordagem foi proposta em parceria com a artista portuguesa de etnia cigana Maria Gil Maia e teve como base a realização de conversas e pequenos workshops, onde se pretendeu recolher materiais em torno do conceito de “mulheres invisíveis” iminente em BUGIGANGA, aqui associado às mulheres de comunidades cuja história está ligada ao nomadismo e ao movimento forçado de povos.

Estas ações foram desenvolvidas em parceria com o projeto Somos Comunidade e Câmara Municipal de Torres Vedras.

O projeto contemplou a realização de várias residências de criação para o desenvolvimento do espetáculo. A primeira residência centrou-se sobre a arte da bufonaria, orientada pela canadense Doloreze Leonard, onde os intérpretes desenvolveram a criação de base das personagens da obra.

Numa segunda fase, foi realizado o trabalho de escrita dramaturgica em colaboração com o diretor Ricardo Puccetti do Lume teatro (Brasil) a partir de improvisações e propostas de jogo lançadas pelo encenador. Na sua terceira fase o processo decorreu sob a orientação de Gonzalo Villarreal Porzio no âmbito da técnica do teatro físico e da máscara. Posteriormente o trabalho contou com a participação de Elise Ouvrier Buffet no sentido de aprimorar o trabalho nas temáticas dos acidentes e gags cómicos a serem desenvolvidos no espetáculo.

A última etapa do trabalho foi a de apresentação direta com o público, na qual verdadeiramente se finalizou a escrita do mesmo e se continua ainda a aprimorar a obra.



CIRCULAÇÃO

A apresentação do espetáculo em locais não teatrais como mercados, bairros e praças em várias zonas do país permitiu desenvolver junto de públicos heterogêneos diversas práticas de envolvimento e inclusão.

Com várias parcerias de acolhimento estabelecidas em território nacional e internacional, o projeto contou em 2025 com apresentações em várias cidades do país: Loulé, Quarteira, Lisboa, Setúbal, Alcobaça, Águeda, Braga, entre outras, tendo sido apresentado no âmbito de Festivais de Artes de Rua e outros eventos culturais.

ARRIVÉE
20
REPUBLICQUE DU BÉNIN
D G P N D R C E T
IMPORT
AEROPORT DE COTONOU
POLICE DE L'AIR ET DE L'ÉCRAN



FICHA ARTÍSTICA

Intérpretes

Eva Ribeiro / Rafa Santos

Encenação

Elise Ouvrier-Bufferet
Ricardo Puccetti

Direção Vertente Comunitária

Maria Gil Maia

Construção/ Direção de Teatro de Máscara

Gonzalo Porzio

Sonoplastia original

Trio Alcatifa

Apoio construção de personagens/bufão

Doloreze Leonard

Cenografia e adereços

Hugo Ribeiro

Figurinos

Ana Abelha

Produção

A Nariguda

Apoio

Direção Geral das Artes /
República Portuguesa
Fundação GDA
Câmara Municipal
de Torres Vedras
Iberscena





ESPAÇO CÉNICO

Espaço exterior; amplo; sem inclinação; livre de obstáculos; piso liso (cimento, paralelo, terra batida) adequado para a circulação de um veículo triciclo.

Deve ser um piso em bom estado com capacidade para suportar o peso de um triciclo com 700kg em andamento.

Dimensões de cena

Área cénica ideal 14m comprimento / 14m largura

Área mínima 12m comprimento / 14m largura

Altura mínima 5m

Local com acesso para a carrinha descarregar;
Ponto de eletricidade para o sistema de som

Ponto de água para encher recipientes utilizados no espetáculo. A água pode em alternativa ser fornecida em garrafas em número de 3.

Acesso a via pública para chegada do veículo-cenário para entrada e saída de cena com possibilidade de colocar rampas. (Estas podem ser fornecidas pela companhia em dimensões de até 2,95 m de comprimento e 120 cm de largura)

Esta via deve estar desocupada ao longo de todo o espetáculo.

Deve existir um local próximo onde esconder a mota antes do espetáculo. A entrada da mota faz-se ao empurrão e esta deve estar longe da vista do público para este momento inicial.

O espaço cénico deve estar livre pelo menos 3 horas antes do espetáculo para se poderem fazer provas de movimento no local. No caso de isto não ser possível deve ser comunicado à companhia um outro horário para a realização destas provas.

São utilizados fumos e um estouro pirotécnico da categoria F1.

<https://www.pirotecniadasbeiras.pt/portal/fumos-2/>

CONDIÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DO ESPETÁCULO

Caso esteja a chover ou ocorram grandes rajadas de vento o espetáculo não se realiza.

Devido ao tempo de montagem necessário, caso esteja a chover até 2 horas antes do espetáculo o mesmo não se realiza e poderá, se ambas as partes assim o entenderem, ser reagendado para data posterior. O pagamento à companhia deverá ainda assim ser garantido até a um máximo de 30 dias. Deve ser garantido igualmente o pagamento de possíveis despesas extraordinárias que ocorram devido ao re-agendamento.

MONTAGEM

Será necessário o apoio de duas pessoas para carregar e descarregar o material no momento de chegada e de partida da companhia.

Tempo de montagem: 4 horas

Tempo de desmontagem: 2 horas

CAMARINS

Próximos ao local do espetáculo, para duas pessoas, equipados com duas mesas e duas cadeiras com wc perto e duches, com duas toalhas. Água e fruta.

SOM

Amplificação de som para música gravada adequada ao local - sistema surround com ligação a computador.

Deve acompanhar sempre um técnico de som responsável familiarizado com o equipamento em questão.

Uma mesa e uma cadeira para o técnico de som.

BANCADAS

A companhia dispõe de bancadas para o público. A organização pode desejar não as colocar, no entanto a companhia dá preferência a ter as bancadas para a sua apresentação. O espaço para as bancadas deve ser tido em conta.

O diâmetro é aproximadamente 2m de largura por 8m de comprimento.

As bancadas comportam cerca de 100 pessoas.

ALOJAMENTO

Caso a apresentação ocorra a mais de 80 quilómetros de distância de Corujeira, Torres Vedras a organização deve fornecer alojamento à companhia em: um quarto de casal + um quarto single com casa de banho privativa.

ALIMENTAÇÃO

A organização deve providenciar as refeições da companhia nos dias relativos à apresentação do(s) espetáculo(s): pequeno-almoço, almoço e jantar. Caso a companhia chegue no dia anterior ou seja convidada a participar em todo o festival, a organização deve providenciar a alimentação.

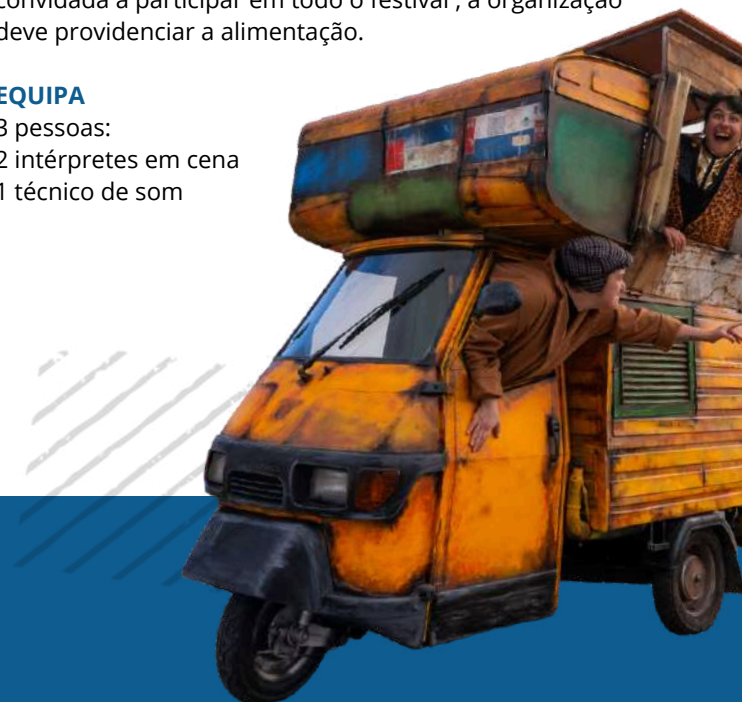
EQUIPA

3 pessoas:

2 intérpretes em cena

1 técnico de som

RIDER TÉCNICO





Cia. A Nariguda (Portugal)

A companhia A Nariguda dedica-se à criação de espetáculos, oficinas e outras atividades dentro da linguagem da palhaça ou clown.

Com diversos espetáculos em cartaz, vários números curtos e workshops, a companhia distingue-se pela sua abordagem original à arte da palhaçaria, tendo como base de criação a pesquisa da comédia física e do humor absurdo, nutrindo especial interesse pelo aprofundamento do universo da comicidade feminina.

A companhia conta também já com um vasto percurso de apresentações internacionais, tendo já se apresentado em países como Espanha, França, Roménia, Bélgica, Itália, Luxemburgo, Brasil, Argentina, Polónia, Senegal, Marrocos, entre outros. Vários projetos seus foram já apoiados por entidades como: Direção Geral das Artes, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação GDA e Camara Municipal de Torres Vedras, contando ainda com apoio permanente da União de Freguesias de Carvoeira e Carmões.

A Nariguda dedica-se igualmente à investigação artística continuada, promovendo em conjunto com outras estruturas, workshops e laboratórios em torno da arte do clown e do teatro físico, assim como, à organização de mostras e festivais tais como a Mostra Gargalhadas na Lua, em Lisboa.

A companhia tem valorizado ainda o papel da arte comunitária e da inclusão social, colaborando com associações e entidades em projetos pontuais. O projeto acredita no potencial do palhaço e do riso enquanto veículo de transformação do ser humano e no seu impacto positivo no mundo.



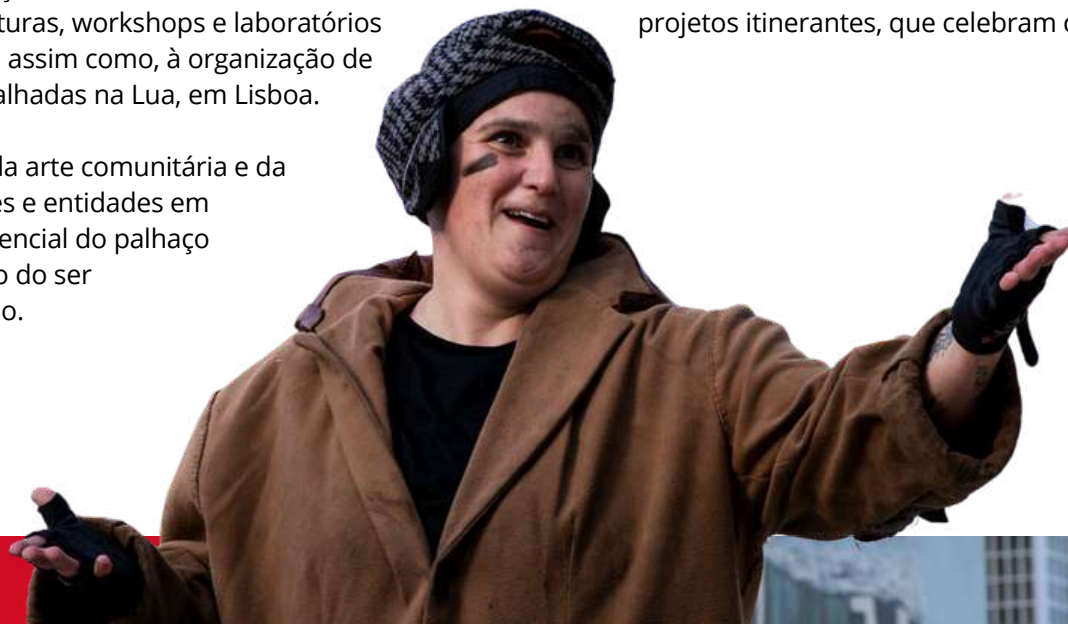
LUME Teatro

O LUME Teatro (Prêmio Shell 2013) é um núcleo de pesquisa da arte do ator formado por sete atores-criadores que possui repertório diversificado de teatro físico, espetáculos em grupo, solos, e intervenções de grande dimensão ao ar livre com a participação da comunidade.

Toda essa extensa variedade de trabalho mantém sua coesão através da marcante e vigorosa metodologia de treinamento desenvolvida pelos atores. Em 2020 o grupo completou 35 anos de continuidade dos trabalhos com o mesmo núcleo de pesquisadores e mais de duas décadas em sua sede fixa localizada na cidade de Barão Geraldo, distrito de Campinas-SP.

Ao longo destes 35 anos, tornou-se conhecido em 28 países, tendo atravessado quatro continentes, e desenvolveu parcerias especiais com mestres da cena artística mundial.

O grupo possui atualmente mais de uma dezena de espetáculos em cartaz e difunde sua arte por meio de oficinas, demonstrações técnicas, intercâmbios de trabalho, trocas culturais, assessorias, reflexões teóricas e projetos itinerantes, que celebram o teatro como a arte do encontro.



**NOTAS
BIOGRAFICAS**

NOTAS BIOGRAFICAS



Eva Ribeiro (1985, Lisboa) - Intérprete

De mão dada com a arte e intervenção comunitária, Eva Ribeiro é pesquisadora há mais de vinte anos na área das artes performativas. Iniciou o seu percurso jovem, descobrindo as artes de rua e a palhaçaria no ano de 2003.

Realizou entre 2002 e 2004 formação nas áreas do teatro de rua. Estas formações abriram o seu apetite para aprofundar os seus estudos nas artes do espetáculo. Realizou, então, vários workshops de Clown, Novo Circo, Dança Contemporânea e Teatro de Marionetas e Formas Animadas no Porto onde viveu entre 2005 e 2007. Estudou Teatro e Educação com Hugo Cruz na Universidade de Psicologia do Porto em 2006. Neste período desenvolve vários projetos de ativismo onde funde a linguagem do teatro com intervenção política e comunitária. Em 2009 realizou os seus estudos na Escola de Teatro Físico Jacques Lecoq em Paris, França. Criadora dos seus próprios espetáculos, a solo ou em dupla tem percorrido salas, ruas e festivais nacionais e palco internacionais mostrando as suas criações originais cujas linguagens escolhidas vão desde o bufão à comédia física e ao humor absurdo.

Apaixonada pela pedagogia da palhaçaria, produziu já mais de duas dezenas de formações de clown em Portugal com mestres nacionais e internacionais, em parceria com associações, grupos e companhias no território nacional. É diretora artística da Mostra Gargalhadas na Lua, em Carnide, Lisboa, organizada em parceria com a Lua Cheia teatro para todos e a Casa do Coreto, desde 2016. É uma das fundadoras e administradora do projeto Laboratório Internacional de Clown.

Realiza formação continuada nas áreas do palhaço social, sendo a mentora do projeto artístico de intervenção social, Palhaços Visitadores, junto de públicos carenciados. É também dinamizadora de oficinas de iniciação e aprofundamento da arte da palhaça, tendo contribuído nos últimos anos para a formação de várias pessoas e grupos no território nacional, Açores, Brasil, Argentina e Espanha.



NOTAS BIOGRAFICAS



Rafa Santos (1987, Paredes) - Intérprete

Rafa Santos nasceu em 1987 em Paredes. Começou no meio artístico num curso de iniciação teatral no Chapitô em simultâneo com outro no Espaço Evoé, na mesma área. A isto seguiu-se uma Licenciatura em Teatro Interpretação e Encenação na Escola Superior Artística do Porto, o CAP Certificado de Formação Pedagógica e o CTEA Certificado de Formação Pedagógica direcionado para crianças com Transtorno do Espectro Autista.

No percurso, surgiram experiências profissionais como encenadora e atriz em diversos trabalhos artísticos colaborando com diferentes companhias.

Residindo mais na companhia Cabeças no Ar e Pés na terra teve o privilégio de acompanhar e dirigir diferentes projetos pedagógicos como as AAAF's (Atividades de Animação e de Apoio à Família), Expressate (Aulas curriculares de expressão dramática e movimento), Palco letivo (Mostra_te_Mostra de Teatro Escolar de Valongo) e o projecto de intercâmbio OnSTAGE em L'Hospitalet.

Amante da técnica de Máscara e Palhaçaria. Aprofundou o seu trabalho artístico e de técnica de máscara com Filipe Crawford, Nuno Pino Custódio, Fábio Gorgolini e Sofia Cabrita.

Na arte da palhaçaria estudou com mestres internacionais como Tom Roos (Bélgica), Silvia Leblon (Brasil), Pedro Fabião (Portugal), Diocélio Barbosa (Brasil), Naomi Silman (Brasil), Matteo Cifariello (Itália), Ésio Magalhães (Brasil), Hilary Chaplain (EUA) e Eva Ribeiro (Portugal). Criou a companhia de Clown As testemunhas duo e o espetáculo A Aparição com Eva Ribeiro.

Participou em diferentes festivais e mostras de palhaças, Mostra internacional de palhaços de Xirivella (2019), Re.toma festival de artes performativas de Montemor-o-novo (2020), Encontro Internacional de Palhaços de Vila do Conde (2021) Tem Graça festival de mulheres palhaças (2022), Mostra Gargalhadas na Lua. Faz parte da Família La Riso, como palhaça no projeto artístico de intervenção social, Palhaços Visitadores.







Élise Ouvrier-Buffet (1972, França)
Encenação

Palhaça de profissão começou a sua aprendizagem em desastres com Stéphane Fillloque, o palestrante sobre a Arte do Riso, Jos Houben e o dublê-ajustador Albert Goldberg.

Ao mesmo tempo e durante todos estes anos, aprofundou os seus conhecimentos em comédia física com Michel Dallaire graças a quem descobriu a extensão desta disciplina.

Teve então o privilégio de ser acompanhada por ele na sua pesquisa e no desenvolvimento do meu método de ensino.

Foi praticante de Judo e Dança Contemporânea desde muito cedo. O palhaço e a falta de jeito que o acompanha são para si uma filosofia de vida, um código de conduta.

Além disso, e conseqüentemente, dedica a maior parte do seu tempo à realização de pesquisas teimosas para desvendar todos os segredos desta ciência do erro e do falhar.

Fora do palco, das câmeras, da rua e do hospital, teve o prazer de ensinar esta paixão, em várias escolas e trabalhar com companhias de renome internacional, enquanto encenadora, entre elas: "Academia de Teatro de Xangai", "Le Rire Médecin", "Le Daki Ling", "Le Samovar", "La Carrosserie Mesnier", "Le Circ Cric".

NOTAS BIOGRAFICAS



Ricardo Puccetti (1964, Brasil)
Encenação

Ator, palhaço, pesquisador, orientador de atores e diretor teatral. Entrou para o LUME Teatro em 1988, ajudando a constituir o grupo enquanto núcleo de pesquisa ao lado de Luís Otávio Burnier e Carlos Simioni. Referência internacional na arte do palhaço, responde pela sistematização da pesquisa do LUME Teatro na Utilização Cômica do Corpo, especificamente sobre o Palhaço e o Sentido Cômico do Corpo, desenvolvendo uma metodologia própria de trabalho. Faz orientação contínua de palhaços e ministra workshops dessa arte em diversas partes do Brasil e do exterior.

Trabalhou como diretor em diversos espetáculos e, como ator e palhaço, Puccetti participou de inúmeros festivais de teatro e de palhaçaria ao redor do mundo. Entre 1988 e 1995, orientado por Burnier, desenvolveu pesquisas nas áreas da "Antropologia Teatral e Cultura Brasileira", elaborando treinamentos técnicos corpóreos e vocais para o ator; técnicas de palhaço; e construção da "Dança Pessoal", na busca de uma técnica corpórea e vocal pessoal de representação. Ao longo dos anos também foi responsável por sistematizar a metodologia de Teatralização de Espaços Não Convencionais, principalmente em espaços abertos, através de seu curso "O ator na Rua", das oficinas montagem "Abre Alas", e como diretor dos espetáculos do Lume, "Sonho de Ícaro" e "Perch - uma celebração de voos e quedas".

Atualmente, trabalha nos espetáculos: "Cnossos" (desde 1995), dirigido por Luís Otávio Burnier; "Cravo, Lírio e Rosa" (desde 1996), uma criação conjunta com Carlos Simioni; "La Scarpetta - Spettacolo Artístico" (desde 1997), dirigido pelo palhaço italiano Nani Colombaioni; "Kavka - agarrado num traço a lápis" (desde 2007), com direção de Naomi Silman; e em "Cabaré Efêmero" (desde 2016), um solo de palhaço com criação e atuação de Puccetti. Grupo LUME (Prêmio Shell 2013) é um núcleo de pesquisa da arte do ator ligado à Universidade Federal de Campinas, formado por sete atores que possui repertório diversificado em teatro físico.





NOTAS BIOGRAFICAS



Gonzalo Villarreal Porzio (1989, Argentina)
Direção teatro de máscara

Gonzalo Villarreal Porzio nasceu na Argentina. É teatrólogo e pedagogo com uma forte paixão pelo teatro gestual, físico e de movimento, em especial pelas máscaras e pelos universos que elas permitem. No seu percurso de investigação, a pedagogia de Jacques Lecoq foi o seu principal ponto de viragem e influência, bem como, noutra medida, a perspetiva teatral grotowskiana. Licenciou-se em "Atuação e Criação Colectiva" e "Pedagogia do Movimento" na Escola Internacional Cabuia baseada em Jacques Lecoq. Aí lecionou de 2018 a 2020. Formou-se também em "Embodied Poetics" interpretando "The Second Voyage" de Lecoq com Amy Russell e Norman Taylor.

A sua formação é enriquecida e complementada por Familie Flöz (teatro de máscaras), Claudia Contin Arlecchino (Comedia del Arte), Carlos Cacho Gallegos e Anton Valen (Clown), Alfredo Iriarte (construção de máscaras), Emma Bonnici, Gabriel Gawin e Alejandro Tomás Rodríguez (corrente Grotowski), e membros de Théâtre du Soleil, Compagnie Philippe Genty, Cirque du Soleil, Odin Teatret, Scuola Internazionale dell'attore Comico, Compagnia Finzi Pasca, Teatr Zar, Pig Iron, entre outros.

Os seus interesses pessoais levaram-no a viajar pela América Latina e pela Europa, aprofundando o seu conhecimento sobre o ensino, a representação, a música, a produção e a pesquisa de máscaras autóctones. Neste caminho, começou a colaborar com companhias, escolas e festivais na Argentina, Chile, Bolívia, Paraguai, Equador, Colômbia, Costa Rica, Espanha, Portugal, Ucrânia e Lituânia, fortalecendo a busca de um teatro popular e coletivo.

Gonzalo Porzio foi co-fundador e co-diretor da companhia sul-americana Maracaracol Teatro e atualmente faz parte do projeto "Escuela Ambulante de Teatro" cuja perspetiva abraça uma pedagogia teatral sem fronteiras.

Sítio Web: <https://gvillaporzio.wixsite.com/creacionteatral>

Doloréze Léonard (Québec)
Apoio criação de personagens/bufão

Durante 44 anos, a lendária quebequense Doloréze Léonard tem compartilhado seu talento artístico em todo o mundo.

Ela é fundadora do Cirque du Soleil e fez parte da sua primeira turné americana. Ela ainda colabora com o Cirque, entretendo e organizando eventos para funcionários há 16 anos, no sempre encantador papel de Madame Zazou. Em Vermont, Doloréze colabora com Bread and Puppet Theatre.

Na Europa, morou em caravana e atuou no jantar show "Pomp Duck and Circumstance" como Mestre de Cerimônias por 6 anos. No Canadá, ela apresenta o Just For Laughs Cabaret como Madama Zazou, um show de sua própria criação.

Nos últimos 12 anos colaborou com o Teatro Zinzanni (EUA) em "Love Dinner Chaos" como realizadora e performer. No Havaí, Doloréze dirigiu o HICCUP Circus no S.P.A.C.E. (Seaview Performing Arts Center for Education), trabalhou lá como voluntária com a comunidade local e co-criou todos os shows extremamente populares "Le Chic".

Viajante pelo mundo, Doloréze Leonard ensina a rica experiência humana e criativa de Bouffon ao longo das suas viagens.





Hugo Ribeiro (Porto, 1985)
Cenografia

Cenógrafo freelancer, trabalha na criação plástica e interpretação da companhia "Boca de Cão – teatro de rua e formas animadas", onde desenvolve projetos de criação e experimentação de novas formas animadas.

Como designer de Cenografia trabalhou com companhias como Erva Daninha, Radar 360o, Teatro do Frio, PELE, Teatro e Marionetas de Mandrágora e Comédias do Minho entre outras.

Foi também diretor de Cenografia da Queima do Judas de Vila do Conde de 2013 a 2016, e professor assistente de cenografia na ESMAE (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto) de 2013 a 2016.

NOTAS BIOGRAFICAS



Maria Gil Maia (1972, Porto)
Direção Vertente Comunitária

Maria Gil, também conhecida por Maria da Fronteira (Porto, 1972), é uma atriz e ativista cigana, sendo uma referência na promoção do movimento feminista das mulheres ciganas em Portugal. Maria Gil já foi feirante e empregada de balcão, fez teatro comunitário e teatro do oprimido.

O seu ativismo é sobretudo feito através do teatro. Atualmente, é membro da Associação Saber Compreender e atriz no Coletivo PELE. Em julho de 2013, foi uma das oradoras convidadas do I Encontro Intercultural Rumo à Inclusão, promovido pelo projeto O Rumo Certo, que teve lugar na Biblioteca Municipal de Tomar, onde abordou o tema Desafios da Inclusão.

Em 2016, foi uma das caras da campanha nacional contra a discriminação de ciganos da Rede Europeia Anti-Pobreza (EAPN Portugal) — a maior rede europeia de redes nacionais, regionais e locais de ONGs, bem como de Organizações Europeias ativas na luta contra a pobreza. Esta campanha, denominada A Discriminação é Falta de Educação, pretendia mostrar sete mensagens emitidas por sete cidadãos de etnia cigana que trabalham ou estudam com o intuito de quebrar mitos e representações negativas. O vídeo mostra, entre outros, que Bruno Oliveira é assistente operacional hospitalar, Maria Gil é atriz, Carlos Miguel é secretário de Estado e Damaris Maia é estudante de bioquímica.

Em 2017, surgiu um movimento liderado por Maria Gil que vem conquistando voz, cuja ideia central é “mulheres e ciganas”, que “existem e resistem”. Esta tornou-se numa das frases mais emblemáticas do movimento feminista cigano, desde que Maria Gil a ergueu num cartaz, numa manifestação que teve lugar no Porto em Maio desse ano. Maria Gil foi também uma das figuras associadas ao projeto Singular do Plural: 20 – profissões, pessoas, ciganos e ciganas, promovido pela EAPN Portugal.





Ana Abelha
Figurinos

Ana Abelha, 38 anos, do Porto. Tem vindo a desenvolver trabalho como Artista Plástica, no Ensino e como Diretora de Arte.

Formou-se em Teatro, frequentou a Academia Contemporânea do Espetáculo, seguindo para o ensino superior na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, onde tirou o curso especializado em Figurinos.

Mais tarde tornou-se mestre em Estudos de Teatro na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Manteve-se sempre ligada ao teatro, sendo que recentemente tem desenvolvido trabalho na área de Cinema como Diretora de Arte.

NOTAS BIOGRAFICAS



Trío Alcatifa
Sonoplastia original

O Trio Alcatifa é composto por três músicos que viajam a bordo de uma sonoridade oriental, numa versão moderna dos lendários tapetes voadores.

A banda levantou voo no deserto e deixou-se inebriar pela música nas ruas do Leste, de onde é difícil voltar a descolar. O trio conseguiu prosseguir, trazendo um rasto quente de areia misturado com a brisa fresca dos sopros.

A sua música faz lembrar os encantadores de serpentes.

Convida o corpo ao movimento ondulado, em ritmos e melodias orientais com pinceladas de bailarico, onde é impossível não levantar voo, difícil não deslizar.



FEEDBACK

Sobre espetáculo Bugiganga eu achei incrível, mágico. INCRÍVEL e mágico por que a motoneta, meio casa, meio carro era mágica, os efeitos especiais que vocês conseguem, as acrobacias realizadas dentro e fora dela, o montar e desmontar, como vai se compondo o cenário, me lembrou demais o cinema mudo, Chaplin...vocês conseguiam a mesma magia só que ao vivo tudo muito bem executado, muito bem feito, pensado, ensaiado, suor.

Eu amo quando tem suor, labuta...por isso usei a palavra MÁGICO porque pra se fazer magia, tem que estudar muito antes, para fazer o que vocês fazem em cima daquela motoneta, meio casa, meio carro...garanto que ensaiaram bastante. É realmente INCRÍVEL e MÁGICO.

Parabéns a Cia Nariguda, a Eva e Rafa que vi em cena vocês arrasam, a energia de vocês e a execução são primorosas, vejo o olho de vocês em cena, e é o mesmo olhar de duas leões na selva, olhar vivo, atento, pronto para agir. É... Bugiganga faz jus ao nome que se é dado a esse evento, é um ESPETÁCULO!!!

Parabéns Eva, muito grato pelo espetáculo, transmita os meus parabéns para todos os envolvidos. Vida longa a Bugiganga!!

Murilo Inforsato
Encenador, ator e pesquisador de
Commedia dell'arte
Ribeirão Preto, Brasil

Bugiganga invade a cidade com um rugido!!! Do começo ao fim, esta dupla fantástica faz-nos rir, surpreende-nos e mantém-nos no seu abraço. Um espetáculo super divertido para toda a família!

Hilary Chaplain, diretora, EUA

Programar A Nariguda é sempre uma aposta ganha. A qualidade e rigor são uma constância nas suas criações, olhando para o mundo com um humor que não deixa ninguém indiferente.

Em A Bugiganga somos surpreendidos por um dispositivo cênico incrivelmente disfuncional que provoca uma escalada de acontecimentos quase catastróficos (e muitas gargalhadas!), excepcionalmente conduzido Micas e Gina, com uma fisicalidade controlada ao pormenor e um jogo sem falhas.

Um espetáculo que podia (e devia) correr o país de lés-a-lés. As nossas crianças (todas, sobretudo as interiores) precisam de voltar a maravilhar-se com esta arte.

Carolina Santos, programadora da Máquina
de Cena, Loulé





REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA
dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES

IBERESCENA

fundação
GDA

 **Torres Vedras**
Câmara Municipal



[VIDEO TEASER](#)

[VIDEO RESUMO](#)

[FOTOS](#)



www.anariguda.pt
cia.anariguda@gmail.com
00351926899394